

OS PROCESSOS REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MORTE NO CONTO “DIZEM QUE OS CÃES VEEM COISAS” E NA CRÔNICA “A VELHA AMIGA”

THE REFERENTIAL PROCESSES IN THE BUILDING OF THE CHARACTER DEATH IN THE TALE “DIZEM QUE OS CÃES VEEM COISAS” AND IN THE CHRONIC “A VELHA AMIGA”

Luiz Eleildo Pereira Alves¹
Francisco Ismael Araújo Rebouças²
Lérida Freire Caetano³
Roberta Cavalcante Moraes⁴

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar como a personagem morte é construída, por meio dos processos de referência (MONDADA; DUBOIS, 2003) em dois textos literários de diferentes autores brasileiros, a saber: “Dizem que os cães veem coisas”, conto de Moreira Campos, e “A Velha amiga”, crônica de Rachel de Queiroz. Para tanto, baseamos nossas discussões na perspectiva sociocognitivista de linguagem a qual entende o texto como um evento comunicativo complexo (BEAUGRANDE, 1997). Nas discussões apresentadas neste artigo, é interessante observar como os aspectos de acessibilidade das formas referenciais são culturalmente estabelecidos, o que nos permite uma reflexão sobre a relevância da dimensão contextual na (re)construção do sentido dos textos analisados.

Palavras-chave: Literatura. Referência. Teoria da Acessibilidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze how the character death is built, through the processes of referencing (MONDADA; DUBOIS, 2003) in two literary texts by different Brazilian authors, namely: “Dizem que os cães veem coisas”, by Moreira Campos, and “A velha amiga”, chronicle of Rachel de Queiroz. Therefore, we based our discussions in the sociocognitivist perspective of language which understands the text as a complex communicative event (BEAUGRANDE, 1997). In the discussions presented in this article, it is interesting to observe how the accessibility aspects of referential forms are culturally settled, which allows us to reflect about the relevance of the contextual dimension in the (re) construction of the meaning of the analyzed texts.

Palavras-chave: Literature. Referencing. Accessibility theory.

1. Introdução

A questão a respeito de como a realidade pode ser representada por meio da linguagem inquietou estudiosos ao longo dos séculos, conforme muito brilhantemente nos apresenta Costa (2007) em seu

¹ Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE); Professor substituto do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE); membro do Grupo de pesquisa, estudo e ensino do texto (GEENTE) e do Grupo de práticas de edição de textos do Estado do Ceará (PRAETECE). E-mail: eleildo@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: ismaelreboucas@yahoo.com.br

³ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: leridafrc@gmail.com

⁴ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: robertacavalcantemoraes@gmail.com

apanhado histórico-epistemológico dos estudos da referência. A ideia comumente aceita de que as palavras preexistem à realidade nos leva a crer em um universo estanque, definido e pleno, de verdades perpétuas. Assim, a palavra seria “um ‘pacote’ no qual se condensa o sentido que é desembrulhado por alguém que compreende o que dizemos da forma como intencionamos” (ALVES, 2016, p. 39).

A perspectiva epistemológica da sociocognição⁵ põe em xeque a ideia de representação por meio da linguagem e nos convida a aceitar que, na verdade, há na linguagem mais opacidade que transparência (MARCUSCHI, 2007). Os constantes mal-entendidos do dia a dia asseguram essa afirmação. Dizer as coisas não é atividade tão simples. “Isso porque, por ser fruto de nossas interações, ao falarmos, ou escrevermos, construímos em nossos textos, um mundo particular do nosso discurso e escolhemos, para isso, categorias que achamos condizentes ao nosso ‘projeto de dizer’” (ALVES, 2016, p. 40). Desse modo, conforme esclarece Koch (2008, p. 31), o texto construído por nós passa a ser “o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos que –dialogicamente- nele se constroem e por eles são construídos”. Aceitar a noção de sujeito ativo nesse processo nos ajuda a também negar a visão de que o sentido é construído por um leitor autossuficiente, ideia denominada por Bakhtin/Voloshínov (2012) como subjetivista e idealista. Na verdade, como aponta Marcuschi (2007), estamos constantemente em um processo de discursivização ou de retextualização do mundo “que não se reduz apenas à elaboração de informações, mas à própria construção do real por meio da linguagem” (ALVES, 2016, p. 40).

Mondada e Dubois (2003) também defendem que os referentes são fruto do resultado das nossas “reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, conversas, desacordos” (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 28). Dessa forma, dá-se esse processo de constante reconstrução da realidade por meio da linguagem bem como seus processos de estabilização ocorrem a partir dos processos de referenciação. Cientes disso, o presente artigo tem por objetivo analisar como a personagem morte é construída, por meio dos processos de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003) em dois textos literários de diferentes autores brasileiros, a saber: “Dizem que os cães veem coisas”, conto de Moreira Campos, e “A Velha amiga”, crônica de Rachel de Queiroz.

Acreditamos que o olhar sobre o processo de textualização (BEAUGRANDE, 1997) por meio das formas referenciais em textos literários torna-se relevante para pensarmos como a estrutura da língua está em função dos efeitos de sentido diversos. Veremos, por exemplo, como o referente “morte” pode ser entendido e construído, cultural e socialmente, por meio de dois distintos significados. Temos como hipótese a ideia de que, em “Dizem que os cães veem coisas” há uma construção discursiva da morte como um referente negativo, um evento sombrio, relacionado, prioritariamente, a sua função precípua,

⁵ Cf. Demétrio (2018).

que é a de ceifar vidas. Por sua vez, na crônica, propomos a ideia da morte como um referente positivo, um elemento companheiro e acolhedor, necessário à vida humana.

A fim de atendermos ao objetivo geral proposto neste trabalho, organizamo-lo da seguinte forma: nesta introdução, apresentamos nosso propósito tentando expor o direcionamento teórico que será contemplado na discussão ora encetada; A seção seguinte, em que nos detemos a aprofundar as concepções teóricas que sustentam as reflexões que propomos, perpassando a noção de linguagem, proposta por Marcuschi (2007), o delineamento da noção de texto, segundo pressupostos de Beaugrande (1997), perpassando, ainda, os processos textuais, mais especificamente o da referenciação e o da recategorização, baseado em Mondada e Dubois (2003) e Cavalcante (2011), a noção de contexto segundo Hanks (2008), além dos aspectos da Teoria da Acessibilidade, propostos por Ariel (1996; 2001); posteriormente, fazemos as análises de excertos do conto “Dizem que os Cães Veem Coisas” e da crônica “A velha amiga”, de modo que possamos refletir sobre os processos referenciais pelos quais a personagem morte é construída e como esta personagem se recategorizada na tessitura textual. Por fim, apresentamos alguns aspectos que julgamos necessários nas considerações finais.

2. Fundamentação Teórica

Atualmente, as pesquisas na área da Linguística, conforme Marcuschi (2007), têm uma forte tendência a se voltarem para os estudos das atividades cognitivas, já que a própria linguagem é dada como uma forma de cognição, que está relacionada à natureza e aos tipos de operações mentais. O autor ressalta que a chamada *Ciência Cognitiva*, ou mesmo *Filosofia da Mente*, trata de questões ligadas à natureza e aos tipos de operações mentais que realizamos quando produzimos ou mesmo transmitimos conhecimentos, linguisticamente falando, deixando de lado aspectos puramente estruturais da língua, como o estudo da gramática, para se direcionar aos elementos do campo da semântica.

Marcuschi (2007, p. 34), ao adentrar nessa discussão, cita algumas correntes teóricas que mediam os estudos dos processos cognitivos e da linguagem, como as correntes mentalista, empirista, conexionista e funcionalista, à qual nos deteremos, por estar mais coerente com nossa proposta de análise de leitura. O autor afirma que a natureza funcionalista da cognição “consegue integrar os aspectos da mente humana, como geradora de conhecimento, com a cultura, a sociedade e a experiência, como provedores informacionais relevantes numa postura integrativa dos diversos sistemas cognitivos”. Nesse aspecto, entendemos que os processos cognitivos estão aliados, quando na produção de sentidos de qualquer evento comunicativo, às experiências externas e à cultura dos indivíduos.

Coerente a essa concepção teórica, partimos, ainda, da ideia de texto como um evento de interação, em que vários aspectos circundantes à produção do discurso, como os culturais e os sociais dos interlocutores, são necessários para que sejam construídos significados. Dessa forma, segundo Beaugrande (1997), o texto é um “evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”, em que se parte da ideia de texto como algo muito maior que uma simples sequência de palavras escritas ou oralizadas.

Recorrendo à metáfora do Iceberg, Beaugrande afirma que a parte material do texto é apenas a ponta dessa massa de gelo flutuante. Todo o restante (não mais nem menos importante para sermos coerentes com a proposta sistêmica que adotamos), como expectativas, conhecimento de mundo, contexto, etc. está condensado na parte não visível dessa matéria e emerge no momento em que o texto é amplificado (lido). Por seu caráter situacional e dinâmico, advém a máxima beaugrandeana que afirma: “um texto só é texto quando alguém o processa”.

Ao incorporarmos a perspectiva de texto como um evento discursivo, precisamos entender também que a prática de leitura perpassa e supera um simples obstáculo decodificador. As regras da língua estão em função do uso, mas não o determinam, uma vez que “sozinhas as normas ou são muito gerais ou específicas demais” (BEAUGRANDE, 1997). Estamos, em verdade, diante de uma imensa conexão de fatores, que se fazem presentes na vida de todos os seres humanos, fatores esses que envolvem esquemas sociocognitivos e intertextuais entre os eventos cotidianos. É um verdadeiro sistema de múltiplos sistemas interconectados (BEAUGRANDE, 1997). É a partir, pois, desses sistemas, entrelaçados e envolvidos, que constituímos sentido no ato enunciativo.

Entender o texto como “evento” implica compreender que esse “não representa a materialidade do co-texto, nem é somente o conjunto de elementos que se organizam numa superfície material” (CAVALCANTE, 2011, p. 17). Dentro de uma visão de texto atrelado a uma enunciação discursiva, como coloca Ciulla e Silva (2006, p. 13), “os falantes, os objetos, os interesses e as circunstâncias histórico-sociais não apenas contam, mas devem ser vistos em conjunto, ao lado da situação imediata em que os falantes estão envolvidos no momento da interação; e o texto, portanto, deve ser visto como emergente da dimensão discursiva”, o que nos leva à discutir, dentro desse processo de textualização, como acontecem os processos de referenciação.

Mondada e Dubois (2003, p. 17) que comungam de uma perspectiva dinâmica de texto afirmam que a ideia de língua como um mero instrumento de etiquetagem dos objetos do mundo está ultrapassada, reafirmando uma nova concepção, em que os sujeitos constroem, através, justamente, das suas “práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo”, ideia fundamental

nos estudos da referenciação. Dessa forma, entendem que os objetos não são preexistentes no mundo, mas se elaboram nos processos discursivos através de contextos situados.

Assim, entendem as autoras que os referentes possuem uma instabilidade constitutiva, “observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação”. Por outro lado, as autoras afirmam que, em determinado ponto, existem práticas que exercem um efeito estabilizador dessas categorias, através da proeminência dos protótipos e dos estereótipos, que podem fixar a referência no discurso, fato importante no estudo da referenciação, o qual discutiremos em nossa análise.

Costa (2007), por sua vez, entende a referenciação como “uma espécie de ‘jogo’ que extrapola os limites sonoros ou gráficos do texto, isto é, que se realiza na esfera das relações entre sujeitos historicamente situados” (COSTA, 2007, p. 69). Já para Cavalcante (2011, p. 15), “o ato de referir é ação conjunta”, pois no processo de interação integramos fatores socioculturais e cognitivos a nossas práticas de linguagem. Faz-se pertinente pensar que, por ser uma atividade discursiva, no processo de referenciação, “a realidade é construída, mantida ou alterada pela forma como sociocognitivamente interagimos com ela: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural” (KOCH, 2008, p. 33).

Cavalcante (2011), ao abordar a referenciação, afirma que é um processo que está associado ao uso com que os sujeitos podem fazer das expressões referenciais em enunciados efetivos e em contextos particulares para se reportarem às entidades. Estas, por sua vez, chamadas de referentes, são construídas mentalmente quando se enuncia um texto, de modo que não se constitui, de fato, um significado, ou mesmo formas estáveis, ao passo que a sua representação nunca será a mesma em qualquer situação efetiva de comunicação, pois, como já abordado, são mutáveis, podendo ser recategorizadas, justamente, por fatores externos ao texto.

Cavalcante (2011) ainda afirma que o processo de referenciação vem ocupando uma posição de destaque, desde a década de 90, pelos estudiosos que se norteiam pela Linguística Textual. O objetivo principal seria, justamente, o de verificar como a construção de sentidos se efetiva pelos aspectos relacionados às interações dos sujeitos com o mundo. Como as práticas culturais e sociais interferem na produção de coerência nos discursos comunicativos.

Os fenômenos referenciais, segundo Pereira (2017), apesar de não serem o principal objetivo dos teóricos que realizam pesquisas na área da LT, podem ser classificados a partir de três núcleos de abordagem: a **introdução referencial**, que ocorre quando um novo referente “estreia” no âmbito do texto; a **anáfora**, que é uma retomada de referentes já introduzidos no discurso, que, por sua vez, pode ser subdividida em direta, indireta e encapsuladora, dependendo do nível de acessibilidade do referente

retomado; e por último, a **dêixis**, que são elementos que apontam, no interior do discurso, para outros que se encontram no ambiente externo ao cotexto.

Outro ponto importante a ser abordado nos estudos de referenciação e de recategorização é o conceito de acessibilidade dos referentes. Devemos ressaltar as relevantes pesquisas realizadas por Ariel (2001, p. 1), que postula que “as expressões referenciais guiam o destinatário para recuperar uma determinada parte da informação dada a partir de sua memória, indicando-lhe quão acessível esta informação é para ele no atual estágio do discurso”. Dessa forma, os objetos de discurso são efetivamente construídos através de formas mais acessíveis quando já estão inseridos dentro de um contexto conhecido pelos interlocutores. Quando as entidades inferidas não estão salientes, ou seja, são desconhecidas pelos envolvidos do discurso, os referentes tornam-se menos acessíveis.

Dar ao destinatário a possibilidade de construir instruções de como ele deve recuperar na memória uma dada informação pelos indícios de quão acessível está a informação no discurso através das formas referenciais é a ideia central da Teoria da Acessibilidade proposta por Ariel (1996). De acordo com Costa (2007, p. 50), esses destinatários são orientados pelos falantes a recuperarem os referentes pela sinalização, “através de formas referenciais, do grau de acessibilidade que atribuem a esses referentes”.

A proposta de Ariel é hierarquizar as formas referenciais em três critérios: **informatividade**, que estaria relacionado ao grau de conteúdo informativo expresso pela forma frente ao referente pretendido; **rigidez**, nível de unidade com que o referente é determinado, e a **atenuação**, tamanho da expressão referencial. A partir disso, temos o princípio da acessibilidade cognitiva, a qual diz que “entidades mentais mais acessíveis são recuperadas por formas menos informativas, menos rígidas e mais atenuadas” (COSTA, 2007, p. 50). Ou seja, se o destinatário entende sobre o que estamos falando quando damos menos informações e usamos expressões mais curtas e menos rígidas, é sinal de que o referente está mais acessível ao destinatário.

Segundo Costa, (2007), considerando esses critérios e ancorando-nos no princípio de acessibilidade cognitiva, compreenderíamos que **referentes mais acessíveis implicam formas menos informativas**, enquanto **referentes menos acessíveis implicam formas mais informativas, mais rígidas e menos atenuadas**. Em face desses diferentes níveis de acessibilidade, Ariel (1996, p. 10 *apud* COSTA, 2007, p. 121) propõe uma escala de acessibilidade, conforme vemos a seguir:

Nome pleno + modificador > nome pleno > descrição definida longa > descrição definida curta > último nome > primeiro nome > demonstrativo distante + modificador > demonstrativo próximo + modificador > demonstrativo distante + SN > demonstrativo próximo + SN > demonstrativo distante - SN > demonstrativo próximo - SN > pronome tônico + gesto > pronome tônico > pronome átono > pronome clítico > flexões de pessoa verbal > zero (ARIEL, 1996. p. 10 *apud* COSTA, 2007, p. 121).

De acordo com esse “*continuum*” proposto pela autora, quando estamos diante de formas menos acessíveis, recorremos ao uso de um Nome pleno + modificador, quando, porém, estamos diante de formas mais acessíveis, recorremos a expressões mais atenuadas, como pronomes, flexões de pessoa verbal ou zero.

Ariel ainda afirma que existem quatro fatores que afetam a acessibilidade de um referente. A saber, a **distância** (física ou discursiva) da expressão anafórica; a **competição** entre dois referentes; a **saliência** e, por último, a **unidade**, que está ligada ao plano contextual.

Segundo Ariel, esses fatores podem se somar para intensificar ou diminuir o grau de acessibilidade ou podem atuar opondo-se um ao outro, isto é, um fator desfazendo o efeito gerado pelo outro. No que se refere a esses fatores, Costa (2007) considera que a distância e a competição representam uma relação negativa com o nível de acessibilidade do referente, porque, quanto maior a distância e/ou o número de competidores, menor será o grau de acessibilidade de um referente; e os dois últimos, saliência e unidade, estabeleceriam uma relação positiva, pois maiores níveis de saliência e unidade criariam a possibilidade de usarmos marcadores de alta acessibilidade, ou seja, menos informativos e mais atenuados.

Até este ponto, acreditamos já ter ficado claro que a perspectiva teórica na qual estamos situados entende a atividade de compreensão como fruto de atividades cooperativas e inferenciais, (MARCUSCHI, 2008) considerando que o sentido não se concentra nem no co-texto, nem no leitor, nem no autor, mas numa complexa relação entre esses elementos e o contexto.

Para Hanks:

Contexto é um conceito teórico, estritamente baseado nas relações. Não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para”. Como este conceito é tratado depende de como são construídos os outros elementos fundamentais, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais, dentre outros (HANKS, 2008, p. 174).

Hanks (2008, p. 119) afirma que uma das principais vertentes, atualmente, nos estudos linguísticos é justamente a relação existente entre a linguagem e o contexto. O autor ressalta diversos estudos apontando os múltiplos modos “pelos quais a língua e a informação de vários tipos comunicada verbalmente são formatadas ou moldadas pelos contextos sociais e interpessoais nos quais o discurso ocorre”, corroborando todas essas ideias já apresentadas no que concerne aos fatores externos à língua, interferindo na produção da coerência textual. Afirma, ainda, que, atualmente, é reconhecido de forma bastante ampla que, praticamente, tudo que está relacionado à produção de sentidos, que ocorre por meio da linguagem, está relacionado ao contexto em que os interlocutores estão envolvidos. O autor ressalta

que existem duas dimensões nos estudos do contexto, que, juntas, definem um espaço de contextualização mais produtivo e realístico sobre o contexto. São elas: a **emergência** e a **incorporação** (emergence and embedding). “A incorporação descreve a relação que se dá entre situações, cenários, campos demonstrativos, campos sociais, e *habitus*. Por sua vez, “a emergência é um traço difundido do contexto, o qual é dinâmico ao longo de várias trajetórias em vários níveis” (HANKS, 2008, p. 144-145).

Com base nesses pressupostos teóricos, realizamos nossa pesquisa com dois textos literários, o de Moreira Campos e o de Rachel de Queiroz, a fim analisar como a personagem morte é construída, por meio dos processos de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003) em dois textos literários de diferentes autores brasileiros, a saber: “Dizem que os cães veem coisas”, conto de Moreira Campos, e “A Velha amiga”, crônica de Rachel de Queiroz. A seguir, partimos para as análises propriamente ditas.

3. Análise e discussão das obras

Neste trabalho, buscamos, como já mencionado, analisar como a personagem morte é construída, por meio dos processos de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003) em dois textos literários de diferentes autores brasileiros, a saber: “Dizem que os cães veem coisas”, conto de Moreira Campos, e “A Velha amiga”, crônica de Rachel de Queiroz.

Em “Dizem que os cães veem coisas”, observamos o desenvolvimento de uma narrativa em torno de um evento que, ironicamente, celebra a vida: o aniversário “da dona da mansão” em que se ambienta a história, em um dia de sol, à beira de uma piscina, com diferentes personagens que se inter-relacionam e a possibilidade de um fatídico evento que permeia a trama, devido à presença de uma personagem, introduzida, inicialmente, de forma difusa, pelo pronome pessoal do caso reto “Ela” (em letra maiúscula).

Ela chegou **diáfana, transparente, no vestido branco que lhe descia até os pés calçados pelas ricas sandálias de pluma**. Ninguém lhe ouviu os passos. Sentou-se à beira da grande piscina, **cruzando as pernas longas**. Chegou **antiquíssima, atual e eterna**, com a sua **cara de máscara**. Moldada em gesso? **Apenas uma presença**, porque **posou como uma sombra**. Mas por um fragmento de tempo, um quase nada, reinou entre todos um silêncio largo, que se estendeu pelo vasto terreno murado da mansão ensombrada pelas árvores, dominou a enorme piscina e emudeceu as próprias crianças pajeadas pelas babás de aventais bordados, e vejam que as crianças são indóceis. **Um presságio**.

Percebemos que a utilização de um pronome, logo ao início do conto, para introduzir o referente, reforça a ideia de que ele não deve ser reconhecido logo de imediato pelo leitor, devido à própria construção textual, que induz o tom de mistério em torno da personagem. Este referente, conforme Ariel (1996), está pouco acessível para o leitor, uma vez que é usada uma expressão referencial menos informativa e mais atenuada, ou seja, um pronome, de modo que ele precisa ser recuperado por formas referenciais que sejam mais informativas, mais rígidas e menos atenuadas.

Podemos supor, ainda, que a escolha pela forma pronominal, pouco informativa, pode ser em decorrência da possibilidade de o próprio referente ser recuperado ao longo da leitura do texto, uma vez que a saliência vai se construindo, como veremos, pelas outras retomadas referenciais ancoradas no conhecimento de mundo do leitor, conforme a narrativa progride.

A partir de então, observamos que vai sendo acrescida uma série de atributos, que funcionam como expressões anafóricas, que vão construindo a personagem. Algumas retomadas referenciais são mais explícitas, como **diáfana** e **transparente**, que estabelecem um tom sobrenatural ao referente; outras, mais implícitas, como o fato de a personagem vestir-se de trajes brancos, à beira de uma piscina; discreta, por ser silenciosa; com cara de máscara, como se precisasse esconder a sua forma diante do cenário em que estava presente e, também, exibir uma presença perene, como se fosse, de fato, imortal, já que é, ao mesmo tempo, “antiquíssima, atual e eterna”.

No segundo parágrafo, para fechar esse primeiro ciclo de caracterização da personagem, estabelece-se uma condição de conflito futuro: “um presságio”, que intensifica ainda mais a unidade do discurso, que até aqui vem se solidificando como algo metafísico. A personagem, aparentemente, não é humana, visto à caracterização pela qual se corporifica e, também, pela expectativa de contribuição que o leitor pode vir a atribuir, em decorrência de que algo ruim pode vir a acontecer, tendo em vista essa presença misteriosa à beira da piscina. Assim, podemos perceber a ideia do autor que traz a imagem da morte como um referente negativo, algo que se torna ameaçador naquele espaço, que se estabelece como um falso ambiente de segurança.

A fim de reforçar esses presságios, o texto conduz descrições detalhadas de algumas cenas de tom tenebroso e descontraído que, apesar de estarem inseridas no ambiente festivo de um aniversário, conduzem o leitor a imaginar diversas possibilidades de acontecimentos trágicos, como a iminência de óbito por afogamento, de conflitos conjugais e, ainda, de discussões de cunho político e ideológico.

O homem de ventre enorme já **estava à beira da piscina**, gotejante e **trôpego**, para uma nova dose de uísque, os dedos graúdos catando no balde os cubos de gelo. [...] O garçom atendia, solícito, **perdendo os olhos ávidos nos seios** mal contidos, oferecidos e inatingíveis. [...] Em roda mais distante **conversavam os homens graves**: a última medida do governo, a crise econômica.

Dentro desse ambiente, são apresentados, também, os cães de raça da dona da casa, que latiam de modo desesperado para o nada, o que faz referência ao título do próprio conto - Dizem que os cães vêem coisas. Tendo em vista tais aspectos, pode-se traçar que os animais sentiam a presença da personagem morte ou que fatos ruins poderiam ocorrer.

Os cães de raça **latiam e uivavam desesperadamente** nos canis (e dizem que os cães vêem coisas). Foi preciso que o tratador viesse acalmá-los, embora eles rodassem sobre si mesmos e **rosnassem**.

Todos esses fatores elencados possibilitam a formação de uma imagem macabra da personagem. Isso ocorre, em grande parte, pelas disposições do elemento cultural, que encara o fator morte como algo negativo. Dessa forma, pela progressão textual, verificamos uma conformidade com o protótipo do elemento morte culturalmente estabilizado por grande parte da sociedade ocidental contemporânea, que a vê como um mistério incompreensível e inaceitável. Essas descrições contribuem, efetivamente, para a estruturação da personagem morte enquanto referente textual temível e imprevisível, tendo em vista a sua dispersão meio à diversidade de eventos.

Nesses acontecimentos, a construção de sentido é, a todo tempo, elaborada, fazendo-se emergir uma esfera sombria em torno das essências da morte que nós, culturalmente, acessamos e conhecemos, de tal forma que o pronome “Ela” vai se fazendo cada vez mais conhecido ou, tomando posse do que Ariel (1996) propõe, acessível.

A perspectiva do suspense e da conseqüente iminência do cenário do horror que vai se instaurando na narrativa é construída, justamente, pelas interações entre o texto e os seus interlocutores, a partir de todos os elementos estruturantes da narrativa. Esta descrição corrobora a ideia de Hanks (2008), quando o autor fala sobre o conceito de cenários, dentro da perspectiva de emergência do contexto.

O autor ressalta que, em determinados contextos, a situação não é suficiente para descrever tais interações, porque esta situação carece de vários traços fundamentais para a sua estruturação. Dessa forma, entendemos que as histórias paralelas, que se inter cruzam no decorrer da narrativa, favorecem a emergência do referente morte, visto o cenário de tensão que vai se construindo pelos conflitos em que as

outras personagens vão se inserindo, o que se assemelha bastante ao próprio gênero horror evidenciado na literatura fantástica, ou mesmo nas mídias visuais.

O referente, por conseguinte, vai emergindo ao leitor pela dinamicidade das trajetórias textuais a que são submetidos os leitores. Ocorre então o que Hanks (2008) chama de engajamento cognitivo no nível dos cenários e pelas posições de agente no nível do campo. Dessa forma, entendemos, de fato, que é apenas na prática comunicativa que ocorre essa sincronização dos elementos cognitivos e sociais dos indivíduos para construção dos significados, mais especificamente, neste caso, como a morte é elaborada pelo leitor pelas suas inferências e contratos sociais estabelecidos.

Ao final, depois do fatídico caso do menino Netinho, que morre afogado, temos um desfecho, no qual o referente morte continua não se fazendo presente explicitamente. Entretanto, é admissível que, para aquele leitor mais afincado e observador, o referente já está bem saliente, devido a todos os elementos já mencionados. A morte é retomada, como ato final, por praticamente todas as expressões referenciais já estabelecidas ao início do conto, com exceção do “senhora”, mas que agora se fazem recategorizados, visto à proeminência decorrente dos conflitos descritos no decorrer do conto.

A presença também daquele instante de silêncio que pesara sobre a piscina. **Um pressentimento apenas?** Precisamente o momento em que **Ela** chegara, **transparente e invisível**, e se a **senhora** à beira da piscina, **cruzando as pernas longas, antiqüíssima, atual e eterna**.

Em “A velha amiga”, temos a narrativa em primeira pessoa sobre o sentimento saudade. A personagem da crônica, entre algumas divagações sobre emoções que lhe afloram, percebe que sente saudade de absolutamente nada, nem da infância nem dos queridos que já morreram, resultando, inicialmente, em uma reflexão sobre a efemeridade da vida e a força propulsora da morte como um evento que fecha esse ciclo.

Conversávamos sobre saudade. E de repente me apercebi de que **não tenho saudade de nada**. Isso independente de qualquer recordação de felicidade ou de tristeza, de tempo mais feliz, menos feliz. Saudade de nada. Nem da infância querida, nem sequer das borboletas azuis, Casimiro. **Nem mesmo de quem morreu. De quem morreu sinto é falta, o prejuízo da perda, a ausência. A vontade da presença, mas não no passado, e sim presença atual.** **Saudade será isso? Queria tê-los aqui, agora. Voltar atrás? Acho que não, nem com eles.**

O elemento morte é então introduzido pelo próprio substantivo que o identifica como tal. Porém, apesar de bastante saliente ao leitor, há um fator de reação que quebra, justamente, a expectativa acerca dos propósitos com relação à morte para a vida e os sentimentos que ela desperta nas pessoas que a vivenciam. Como já mencionado, o fato de nossa cultura ocidental tecer a figura da morte como algo ruim, tenebroso, pesaroso, ou mesmo assustador, faz com haja uma quebra de expectativa do leitor, pelo fato de a personagem parecer afrontar o ciclo natural que está no entorno desse fúnebre evento.

Dubois e Mondada (2003) ressaltam o caráter dinâmico e instável dos referentes, que são, como já mencionado, construídos como objetos discursivos dentro de práticas sociais e culturais e a partir de negociações de visões públicas do mundo. Entretanto, em alguns casos, existem práticas que podem tornar esses referentes estabilizados dentro do contexto discursivo, de modo que essas categorias acabam se solidificando sob um viés reproducionista dentro de uma determinada cultura.

A morte acaba se evidenciando como um elemento que reflete essa disposição estereotipada de referente, visto os motivos culturais e habituais já especificados, que favorecem, justamente, o clima de peripécia, que vai se somando durante toda a construção da crônica, por evidenciarmos as expressões referenciais atribuídas à personagem, sempre no sentido oposto que, convencionalmente, pela nossa cultura ocidental, é associada.

Entendemos que há, também, nessa situação, um ambiente similar ao do conto de Moreira Campos, no que se refere à construção de suspense, porém, de forma mais atenuada. Esse efeito resulta do processo de recategorização atribuído à personagem morte, processo que contribui para tornar esse referente menos acessível, visto às contradições ideológicas às quais os leitores são confrontados.

Ao final do texto, a morte nos é apresentada de maneira mais explícita por expressões referenciais, que trazem consigo características e estereótipos na forma de expressões anafóricas, como “companheira”, “cabelo branco”, “preguiça”, “ruga no rosto”. Essas expressões fazem com que o leitor construa no imaginário uma forma personificada do referente, como alguém com cabelos brancos, preguiçosa e com rugas no rosto. Ao mesmo tempo em que se constroem características acessíveis aos leitores para designar a morte, a expressão “velha amiga”, quando entra no texto, quebra com esses estereótipos, já que coloca o referente como algo positivo, amigável, à qual não devemos temer, apenas esperar.

E depois há o **capítulo da morte**, sempre presente em todas as idades. Com a diferença de que a morte é a **amante** dos moços e a **companheira** dos velhos. Para os jovens **ela** é abismo e paixão. Para nós, foi se tornando pouco a pouco uma **velha amiga**, a se anunciar devagarinho: **o cabelo branco, a preguiça, a ruga no rosto, a vista fraca, os achaques**. Velha amiga que vem de viagem e de cada porto nos manda um postal, para indicar que já embarcou.

Dessa forma, em “A velha amiga”, a morte é recategorizada ao se colocar na posição de algo que é confortável, que é empático, sem oferecer riscos, por se conjecturar na forma de uma boa companhia e de algo necessário para o curso natural da vida. Uma recategorização que se distancia de nós, ocidentais, que vemos a morte como algo negativo, baseando-se, de um modo geral, por aspectos ligados a crenças culturais e religiosas.

Considerações finais

Neste artigo, tivemos o propósito de entender como os processos de referenciação são importantes na construção de coerência de textos, a partir da análise de como a personagem morte é recategorizada no conto “Dizem que os cães veem coisas”, de Moreira Campos, e na crônica “A Velha amiga”, de Rachel de Queiroz.

Para entendermos como esses processos se tornam legíveis dentro de uma perspectiva teórica fundamentada, partimos da ideia de linguagem como processo cognitivo, proposta por Marcuschi (2007), em que as experiências externas e a cultura dos indivíduos são importantes na construção de sentidos, aliadas aos aspectos da mente humana.

Além disso, a proposta de texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997), foi nosso direcionamento para entender o processo de construção textual a partir de um mecanismo constante de interação, em que o sentido que empregamos aos discursos podem ser recategorizados a cada instante.

Por sua vez, Dubois e Mondada (2003), Cavalcante (2011), Hanks (2008) e Ariel (1996) nos deram subsídios para que pudéssemos entender como se dá essa recategorização nos textos por meio, não somente de elementos transfrásticos da linguagem, mas, prioritariamente, por meio das inferências e do conhecimento de mundo que somos capazes de emergir em nossas leituras.

A partir de nossas análises, pudemos evidenciar, à luz desses pressupostos teóricos que norteiam a Linguística Textual, que, nos dois textos analisados, há uma disparidade exatamente oposta configurando um mesmo referente, que é a morte.

Em Moreira Campos, apesar de pouco saliente, ao início, a construção da personagem vai se solidificando de forma mais acessível, principalmente, pelo fato de corresponder à visão de morte mais estereotipada pela sociedade, que é o atributo negativo.

Em contrapartida, em Rachel de Queiroz, construímos a visão da morte de forma menos acessível, visto que sua configuração quebra a expectativa de leitura em débito a questões culturais e sociais. Caso o referente não estivesse explícito no texto, essa construção que fazemos do referente poderia torná-lo menos acessível a nós.

Referências

- ALVES, L. E. P. **Filologia Textual e Linguística Textual**: estudo de textos setecentistas à luz da teoria da acessibilidade. 223f. Dissertação (mestrado acadêmico) - Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20LUIZ%20ELEILDO%20-%20PosLA.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2019.
- ARIEL, M. Linguistic marking of physical givenness. In: **Second Colloquium on Deixis**. Nancy, [online]. Disponível em: <http://www.loria.fr/~romary/Deixis/PapersDeixis>.
- Accessibility theory: an overview. In: SANDERS T; SCHILPEROORD, J. e SPOOREN, W. **Text representation: linguistics and psycholinguistics aspects**. Amsterdam/Philladelphia:Benjamins, 2001, p. 29-89.
- BAKHTIN, M.(V. N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São. Paulo: Hucitec, 2012
- BEAUGRANDE, R.D. **New foundations for a science of text and discourse.Freedom of access toknowledge and society through Discourse**. Norwood: Ablex, 1997.
- CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CIULLA, A. S. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. 205f. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: UFC, 2008, capítulo 3. 2006.
- COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes**: um convite à reflexão. Fortaleza, 2007. 176p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, I. G. V. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, 176p, 2007.

- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. (Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante). In: CAVALCANTE, M. C., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. (orgas.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto. p. 17-52, 2003.
- PEREIRA, H. A. **O processo de coconstrução da cadeia referencial em questões do ENEM por estudantes do ensino médio**. 233f. Dissertação (mestrado acadêmico) - Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: < <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Hylo%20Leal%20Pereira.pdf>> . Acesso em: 01 abr. 2019.

Artigo recebido em: 20/06/2019

Artigo aceito em: 20/07/2019